

A ESCOLA LÊ AS ESCRITORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Paulina Chiziane e o Vestibular da UERJ

DOES SCHOOL READ PORTUGUESE-SPEAKING WRITERS?

Paulina Chiziane and the UERJ Entrance Exam



Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 16/07/2025

Aprovação do trabalho: 01/8/2026

Publicação do trabalho: 19/10/2026

Margarete Batista Dias  

megdias@gmail.com

Colégio Pedro II

COMO CITAR

BATISTA DIAS, Margarete. A ESCOLA LÊ AS ESCRITORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA? : Paulina Chiziane e o Vestibular da UERJ. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 120-126, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1067>.

Resumo

A abordagem da literatura na educação básica atua como um meio e um fim do e no processo de ensino-aprendizagem. Enquanto auxilia na formação de um sujeito leitor crítico, é matéria a ser aprendida e problematizada. Na escola, a literatura perde a sua autonomia e ganha funções extrínsecas. Espaço de continuidades, a aposta da escola em uma abordagem estético-histórica-dialética, a fim de promover o embate das visões de mundo representadas literariamente, passa também pela discussão do cânone selecionado. Leitura obrigatória para o Exame Vestibular 2023 da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o romance *Niketche: uma história da poligamia*, de Paulina Chiziane, oferece a possibilidade de reflexão sobre os papéis da leitura literária, principalmente da de escritoras de língua portuguesa. Para viabilizar essa reflexão, contaremos com as discussões de Gustavo Bernardo Krauze (2022) acerca do romance e do Exame, e Tiago Cavalcante da Silva (2018) sobre o ensino de literatura na educação básica.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; feminismos; memória; política do cuidado; leitura; literatura.

Abstract:

The approach to literature in basic education acts as both a means and an end in the teaching-learning process. While it helps develop a critical reader, it is a subject to be learned and problematized. In school, literature loses its autonomy and acquires extrinsic functions. A space of continuities, the school's commitment to an aesthetic-historical-dialectical approach, aimed at fostering the confrontation of worldviews represented in literature, also involves discussing the selected canon. Required reading for the 2023 University Entrance Exam at Rio de Janeiro State University, Paulina Chiziane's novel "Niketche: a history of polygamy" offers the opportunity to reflect on the role of literary reading, particularly that of Portuguese-speaking women writers. To facilitate this reflection, we will draw on the discussions of Gustavo Bernardo Krauze (2022) on the novel and the Exam, and Tiago Cavalcante da Silva (2018) on the teaching of literature in basic education.

Keywords: Paulina Chiziane; feminisms; memory; politics of care; reading; literature.

Introdução

Este texto nasce em resposta a um convite para participação na ABRAPLIP Norte-Nordeste, na mesa-redonda **Africanidades, literaturas e minorias sociais: saberes para uma educação cidadã**. Desde o início, a elaboração desse trabalho aposta no diálogo academia-escola, entendendo as práticas diversas de um mesmo objeto: a princípio, a literatura. Minha reflexão nasce da observação e do trabalho com a obra de Paulina Chiziane com as turmas da terceira série do Ensino Médio no ano de 2022. Turmas que fizeram os dois primeiros anos do Ensino Médio remotamente, por conta da pandemia de COVID 19. Alunos esses que estavam muito resistentes a qualquer proposta de atividade que não fosse direta e objetivamente ligada à preparação para o Enem, e para o Vestibular da UERJ. Assim, a adoção do livro como leitura da 1ª Certificação, que seria obrigatório para o Primeiro Exame de Qualificação, os agradou. Algumas aulas de leitura, interpretação e análise ocorreram, mas, para além das aulas de leitura conjunta, eles precisaram se dividir em grupos e criar cenas a partir de partes do livro.

A dramatização permitiu uma leitura mais fluida da obra, o que só ocorreu quando perceberam que, conforme Gustavo Krause destacou na palestra dirigida aos candidatos do vestibular, em 2022, disponível no canal da UERJ no You Tube, humor e tragédia estão imbricados em Niketche, já que a história mistura ou apresenta a mistura que tentamos varrer da vida. No caso do romance, os ecos da Guerra reverberam na vida das personagens e, assim como a colonização não apagou os traços das culturas de Moçambique, o tempo de paz ainda que relativa não apaga as intranquilidades das personagens.

Antes de entrar de fato na análise, ainda que breve, do romance, é preciso dizer que o Colégio Pedro II, instituição do Rio de Janeiro quase bicentenária, tem um projeto político pedagógico institucional construído por seus professores organizados em departamentos. O departamento do qual faço parte, Departamento pedagógico de Português e literaturas de Língua Portuguesa, entende o ensino de Português como um contínuo entre língua, literatura e redação, privilegiando a formação de um sujeito autônomo, leitor e produtor de textos. Uma escola federal, equiparada aos IFE, mas com estrutura própria, pois atende desde a educação infantil até o Mestrado profissional em 14 Campi. O Novo Velho Ensino Médio nem chegou a ser implantado institucionalmente, e o Novo novo Ensino Médio está sendo pensado e elaborado a partir das propostas de vários departamentos. Nosso PPPI, como o chamamos, está em consonância com os PCN/DCN, ainda que esses encerrem incongruências importantes ao definir o que seria literatura no Ensino básico.

1 O que é a literatura na escola?

Quando da publicação dos PCN, houve uma percepção equivocada de que a literatura havia saído do programa do Ensino Médio. Entender que a literatura passa a ser vista como linguagem, e como tal determinada e determinante das práticas humanas a serem tratadas nas aulas de língua é uma operação que contém conceitos abstratos atuando antes, durante e depois do fato linguístico

que é uma aula de língua materna. A divisão de conteúdos encontrados em algumas escolas que defendem a compartimentalização, justificando-a didática ou até pedagogicamente, alimenta ainda certos discursos reducionistas da relevância dos estudos literários. Alguns professores inclusive se autodenominam professores de língua, de redação, de literatura. Logo, percebemos que não só Português é uma disciplina deslizando, como a literatura na escola não é um assunto resolvido.

A literatura inserida no processo de ensino-aprendizagem permite aos estudantes acessar o simbólico da linguagem, independente da fórmula utilizada para transmiti-la. Isso não significa, entretanto, que as aulas de literatura sejam sempre bem-sucedidas. Aliás, aulas são um acontecimento que, na escola, são avaliadas por trabalhos, provas e, no caso da leitura de Niketche, duplamente avaliadas, já que meus alunos fizeram a dramatização das cenas, a prova da escola, e o exame de qualificação do Vestibular.

Nós, professores e professoras de língua portuguesa, não estamos no jogo por uma questão de gosto, mas de recorte. O professor do Ensino básico, salvo raras exceções, não escolhe uma obra a ser estudada de que não goste, mesmo assim a expectativa de que os alunos enxerguem a obra usando os mesmos pressupostos didático-pedagógicos que os nossos cai por terra quando pensamos na recepção do texto por parte dos alunos.

No caso específico de uma leitura guiada para um Vestibular como o da UERJ no Rio de Janeiro, a obra em questão estava e não estava, ao mesmo tempo, no programa prévio da 3ª série do E.M.. Nem todos os alunos da escola fariam a prova, e não seria um romance da literatura brasileira, embora contemporânea de língua portuguesa.

O enfoque do Exame Objetivo das disciplinas Língua Portuguesa e Literaturas é instrumental: essas disciplinas são ferramentas tanto de estudo para as demais disciplinas, quanto de construção da identidade pessoal e social. E o programa da escola valoriza não apenas o domínio das estruturas da língua e a consequente habilidade para construir e compreender textos, mas, ainda, o estudo das literaturas de língua portuguesa, entendendo o discurso literário como fundamental na construção do imaginário dos leitores e na formação das identidades culturais. Logo, adotar o romance não nos afastaria dos nossos pressupostos, mas apresentaria desafios, já que costumamos seguir a historiografia literária em nossa abordagem. Quando decidimos ler **Niketche**, deixamos de ler outra obra da literatura brasileira do Modernismo, por exemplo.

2 O exame?

O Exame de Qualificação da UERJ parte de duas unidades complementares: a primeira centra-se nos elementos discursivos que garantem a um texto seu funcionamento, buscando explicitar sua dimensão propriamente linguística e sua ancoragem em uma situação de comunicação. A segunda explora os aspectos literários, a saber, os conceitos e procedimentos próprios da representação artística. E como fazer a junção entre as aulas de língua, o programa da terceira série e o vestibular?

Segundo Silva:

a literatura é uma espécie de ‘história mal contada’. O texto literário constitui-se de inúmeras veredas pelas quais o leitor pode transitar, buscando preencher as lacunas deixadas pelo autor. Esse trabalho de completude - está claro - condiciona-se pelos conhecimentos arquivados na mente daquele que lê, pelas possíveis intenções do escritor, pelo texto em si e pelo contexto mais amplo em que todos estes elementos se inserem. (SILVA, 2018, p. 108)

Nesse processo, a leitura literária escolar é libertadora já que em pelo menos um aspecto levantado até agora - a mediação - pode não ser tão boa e ainda assim produzir no aluno a autonomia leitora. E por que mal contada? Por que as lacunas e contradições são os passe livres de recriação, resistência e reexistência. Quando um texto é dramatizado, os alunos se veem como atores e autores daquele texto que recitam ou dramatizam. A obra foi lida em pelo menos duas direções: um instrumento de análise e um convite à fruição, o que propiciou experiências diversas.

Ainda segundo Silva,

fazendo uso de uma atividade tão lúdica, os alunos se interessam mais por ler as obras literárias além de incitar os colegas que assistem às dramatizações a lerem-nas também. A dramatização cumpre o papel de levar o aluno a experimentar outras vidas por meio do texto literário, tomando, assim um maior conhecimento sobre si mesmo como indivíduo, sobre a própria condição humana e sobre as múltiplas possibilidades de vivências que, por uma questão cronológica não podemos experimentar em toda sua plenitude. (SILVA, 2018, p. 137)

A adoção do romance cumpriria a função de preparar para o exame de qualificação, apenas? Deixar de lado outras leituras comuns à terceira série seria um ganho ou uma perda? A seleção, então, determina a escolha, mas não limita. Muitas vezes autores contemporâneos não são lidos da escola, e ler uma obra de escritora viva e atuante política e socialmente em língua portuguesa e, ao mesmo tempo, estrangeira, é um ganho.

Diz Silva:

Desse modo, é vital que se trabalhe nas salas de aula de língua materna com uma perspectiva discursiva situada, que considere seu contexto mais amplo de produção. Assim é possível evidenciar o educando como os usos linguísticos dos quais lançamos mãos revelam/desvelam/constroem quem somos e os eventos sociais em que estamos inseridos e que exigem de nós, como cidadãos uma postura responsiva.
(...)

Essa concepção de língua em uso e, mais ainda, língua situada num emaranhado de condicionantes sócio-histórico-político-culturais que a constituem como um discurso também construtor do mundo só pôde chegar hoje a um grau de refinamento tão acurado por trabalhos que entendem que todo *dizer* é também um *fazer*, e não um reflexo puro e

simples da realidade. (SILVA, 2018, p. 91)

E por que entender a literatura como língua em uso é tão importante?

Ontem assisti à mesa **Ensino de literatura: desafios e perspectivas**, em que tanto a professora mestra Érica, a professora Leidiane, mestranda, e o professor dr. Francisco chamaram a atenção para a necessidade de professores e professoras do Ensino básico trabalharem obras da região, do estado e das comunidades. Chamaram a atenção, igualmente, para a intencionalidade de alguns discursos que nos alienam de nossa prática cotidiana. Entendendo as obras literárias como um dizer e um fazer, conseguiremos oferecer aos nossos alunos uma experiência textual libertadora.

Gostaria também de recuperar aqui um conceito elaborado por um pensador do século XX, Sartre, que em seu livro **Que é a literatura**, discute o conceito de **engajamento**. A obra de Paulina é engajada porque seu texto nos insere na cultura moçambicana ao mesmo tempo em que a crítica. A história da poligamia é também uma do prazer e da liberação feminina, em termos de prática e do discurso.

E como congrega a leitura escolar com objetivo direto e a fruição do literário em suas múltiplas possibilidades? É isso que ocorreu no momento em que alunas e alunos se deram conta de que mais do que a história de mulheres traídas, essa é a história da economia dos afetos que cada uma delas tece a partir do encontro. Elas se irmanam, e na elaboração de suas identidades, cada uma vai se definir. Rami, a primeira-dama, vai ao encontro de cada uma de suas rivais, e estabelece com elas um percurso, acidentado, cito o romance, logo em seu início:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha-mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda-dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira-dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. (CHIZIANE, 2022, p. 52)

Já no último capítulo, em um paralelismo muito bem aproveitado no Exame de Qualificação, Rami sintetiza o processo:

Ruínas de uma família. A Lu, a desejada, partiu para os braços de outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho português cheio de dinheiro. A Saly, a apetecida, enfeitiçou o padre italiano que até deixou a batina só por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. (CHIZIANE, 2022, p. 288)

A dança é ditada pela narradora, que constrói uma cartografia dos afetos. Sobram, no fim, Tony e Rami, mas ela não pode mais legitimar o poder masculino. Retirado da economia dos afetos, ele precisa encontrar outro caminho. Dramatizar o texto de Paulina permitiu que alunos e alunas experimentassem a alteridade.

Na palestra oferecida pela Comissão do Vestibular da UERJ para os candidatos, Gustavo

Krause (2022) usou o verbo ‘outrar-se’ ao responder às perguntas dos candidatos presentes, perguntas essas que revelavam a perturbação ou incômodo que as histórias de traição geraram. Quanto aos meus alunos, a capacidade de refletir sobre a obra e ainda fugir aos estereótipos oriundos de um julgamento moral demonstrou que a obra, tão estranha a eles num primeiro momento, tornou-se menos enigmática ao fim do processo.

Conclusão

Quando dei um título a esse texto, pensei justamente nos conceitos moventes que configuram minha prática no ensino básico, e as escritoras que são periféricas na visão canônica da literatura. Há, na escola, hoje, o esforço para uma virada na direção do resgate e valorização das vozes que, conhecidas em sua época, foram apagadas da historiografia literária. Algumas silenciadas, outras sequer ouvidas torna o trabalho com o texto de autoria feminina mais relevante e urgente.

As escritoras brasileiras do século XIX, e mesmo as do século XX têm sido pouco lidas na escola. Embora o quadro venha se alterando em função do contexto, o valor dado ao literário ainda é determinado por uma autoridade falocêntrica que atribui valor a partir de critérios falsamente essencialistas, como se o fato de a escrita ser feminina e ser reconhecida fosse um valor negativo. Se pensarmos no caso de Cecília Meirelles e de Clarice Lispector - duas escritoras do século XX - hoje canônicas, que conseguiram destaque, publicidade, reconhecimento, e compararmos com o número esmagador de autores...perceberemos essa diferença. Hoje, entendemos a leitura literária escolar como uma intenção que se alonga e se estende no processo de ensino-aprendizagem

Isso posto, ler uma escritora é reconhecer o papel das mulheres na sociedade como produtoras dessa criação. A questão também é identitária e não deve ser negada. Niketche é um livro sobre mulheres, uma história de famílias chefiadas por mulheres, uma narrativa cuja complexidade reside em alcançar o público via o privado. A independência de cada uma das esposas do marido de Rami se dá via o reconhecimento do laço. Que poder é esse de tornar legal, público e moral aquilo que é feito na surdina, sem testemunhas e facilmente negado?

Término esse texto convidando à reflexão sobre esse objeto de estudo que é o da universidade e o nosso, na escola.

Diz Silva:

"Desse modo, o sentido não se encontra no próprio texto, nem no leitor desse modo o sentido não se encontra no próprio texto nem no leito, mais sim no diálogo, na interação entre leitor, texto, autor e contexto."
(SILVA, 2018, p. 137)

O sentido, tanto na vida como na escola, não é um dado, não pertence a ninguém, mas é construído dialeticamente, e aí reside a importância da leitura literária na escola.

Referências

CHIZIANE, Paulina. **Niketché: Uma história de poligamia**. 1a edição. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2021.

KRAUZE, Gustavo Bernardo. **A dança do amor de Paulina Chiziane**. Revista Eletrônica do VESTIBULAR UERJ. Rio de Janeiro, RJ: 2022. Disponível em:
https://www.revista.vestibular.uerj.br/artigo/artigo.php?seq_artigo=71
Acesso em 08 setembro 2024.

SARTRE, J-P. **Que é Literatura?** São Paulo, SP: Editora Ática, 1989.

SILVA, Tiago Cavalcante da. **Ensino de literatura na educação básica: (des)aprendizagem, humanização e resistência**. 1a edição. Rio de Janeiro, RJ: Multifoco, 2018.